

ISSN 0101 708X

GBOLETIM GOIANO *de* Geografia

INSTITUTO DE ESTUDOS
SÓCIO-AMBIENTAIS/GEOGRAFIA

VOL. 23 - Nº 2 - JUL./ DEZ. 2003

Artigos

O COMÉRCIO VAREJISTA PERIÓDICO NA FESTA DE TRINDADE, GO: SUAS TRANSFORMAÇÕES A PARTIR DA AÇÃO DO ESTADO ENTRE 2001 e 2002*

*Tito Oliveira Coelho***

Resumo

O presente artigo é o resultado de uma análise das relações do comércio varejista periódico no tempo-espaço da Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, GO, com os elementos envolvidos na organização desse evento. Com base em uma abordagem sócio-histórica e cultural-discursiva dos dados levantados em arquivos, jornais, revistas, bibliografias pertinentes ao tema, entrevistas e aplicação de questionários em 2001 e 2002, procedeu-se a um estudo da festa como evento relevante para os comerciantes esporádicos, locadores de pontos (habitantes da cidade), e para o município de Trindade.

Unitermos: Informalidade/ Comércio periódico/ Festa religiosa/ Geografia urbana.

Introdução

As festas religiosas no Brasil são tempos-espaços que têm chamado a atenção dos comerciantes pela possibilidade simultânea de lucros e de convivência. Os festejos do Divino Pai Eterno em Trindade, GO, permitem, a cada ano que passa, o trabalho esporádico a uma diversidade de pessoas: desempregados, comerciantes informais e lojistas que buscam complementar renda, além de outras que procuram ter alguma, como é o caso dos mendigos cadastrados pela prefeitura.

No presente trabalho, procurou-se resgatar a importância da festa religiosa para o comércio, relatando as mudanças ocorridas na Festa de Trindade nos anos de 2001 e 2002. Como parte de tais alterações, analisou-se o cadastramento dos mendigos pela prefeitura, “transformando-os” em comerciantes de postais e outras lembrancinhas, bem como a melhoria nos serviços prestados pelos órgãos públicos,

* Texto baseado no terceiro capítulo da dissertação de mestrado, intitulada *O comércio varejista periódico no tempo-espaço da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade*, defendida no dia 27/11/2003, no IESA/ UFG, sob a orientação de Celene C. M. A. Barreira e Carlos E. S. Maia.

** Mestre em Geografia pela UFG e professor da rede estadual e municipal de ensino em Goiânia. E-mail: titocoelho2000@yahoo.com.br

no que se refere ao saneamento, fornecimento de água e padronização das barracas em áreas públicas na festa. Por fim, versou-se sobre as relações entre locadores e locatários de pontos particulares e sobre as características do comércio e dos comerciantes nas áreas pesquisadas na festa. O estudo baseou-se em leitura bibliográfica, entrevistas gravadas, anotações de diálogos e dados levantados através de questionários aplicados aos comerciantes nas áreas públicas e particulares da festa.

Notou-se a necessidade ou não dos produtores em expor os produtos que fabricam, acumulando duas funções: a de produtores, como principal atividade, e a de comerciantes, como atividade secundária e complementar (Maia & Coelho, 1997, p. 4). A organização do tempo também explica a presença de comerciantes em meio à aglomeração de pessoas, relacionada à duração do evento, que pode ser de uma semana, um mês, tempo de descanso, eventos religiosos, reuniões públicas e diversas festividades (Bromley et al., 1980, p. 184). Ressalta-se que a economia considerada informal (atualmente) não é constituída só por pessoas excluídas do sistema de produção capitalista vigente, mas também por pessoas que optam pelas vantagens da produção independente, como a jornada de trabalho flexível e a organização do negócio próprio (Maia, 1999, p. 114). As festas religiosas e os dias de descanso da semana, do mês ou do ano são tempos-espacos de comércio periódico desde os tempos antigos.

A festa religiosa e sua importância para o comércio

O início das cidades no sertão goiano ocorreu por ocasião do descobrimento das minas de ouro no século XVIII. Já nesse tempo, o símbolo da cruz e a construção da capela eram prioridades no início de um povoado e constituíam um ponto de apoio religioso e de abastecimento para as pessoas devido ao comércio que se estabelecia próximo ao templo, não somente em Goiás, mas em todo o Brasil. Nos pontos onde o povoamento é disperso e nem sempre um comerciante se aventura a estabelecer-se, a igreja funciona como um ponto de atração ao comércio, exercendo uma centralidade.

Forma-se, a partir dessas necessidades, uma rede de relações entre os habitantes de uma região. Nos sítios, por exemplo, os ruralistas passam parte do ano trabalhando em suas roças (de arroz, milho e feijão), criando gado (sempre

bovino e suíno) ou realizando outras atividades agropastoris; é tradicional, porém, irem à cidade para assistir a uma missa ou seguir uma folia quando há festas religiosas.¹

A Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, GO, é um exemplo da criação desse universo de relações. Ali se juntam vários sítios no santuário, principalmente os carreiros (dos carros de boi), que se confundem com romeiros de outras cidades, como Goiânia e outras. Nessa ocasião, após as rezas e os votos, os festejos forjam a reunião das pessoas para se comunicarem, o que não ocorre durante a missa, lugar do silêncio. No espaço considerado profano, o forró e as barracas que servem frango assado e bebidas, e que propiciam jogos (bingo, roleta, tiro ao alvo) aguardam os devotos para o ajuntamento. As confecções e utilidades domésticas, por sua vez, fornecem produtos da moda para os participantes da festa. Tudo isso no espaço de devoção, ou seja, a fé (sacralidade) e a festa (profanidade), são elementos que se atraem, se antagonizam, mas não se excluem.

Notamos a religião como elemento relevante na socialização de uma região, que transcende o lugar habitado, influenciando outras cidades ou povoados. A cidade religiosa é a base das manifestações culturais que mantêm o ajuntamento das pessoas através da festa. É nessa ocasião que os comerciantes aproveitam tal interação para estabelecer uma rede de atividades comerciais. É também através do sincretismo que os costumes, hábitos e a prática do comércio são cultivados na oportunidade do lazer motivado por uma festa religiosa. A religiosidade (formal ou não-formal) exerce uma força muito grande na sociabilidade, na atração do comércio e em muitas outras manifestações culturais, como a folia, os cantores de rua, os artistas de rua e outros.

A missa seguida por uma festa propicia a convergência de pessoas de lugares vizinhos para outro local, formando ali uma aglomeração, geralmente, nas proximidades de um capelão. Numa cidade religiosa/festiva existe uma solidariedade pelo contato direto do romeiro com outro romeiro, com os comerciantes, com os mendigos etc. O contato com a administração é geralmente virtual, pela mídia (televisão, rádio, jornais).

¹ O Dr. Victor Coelho de Almeida, em sua obra intitulada *Goiás: usos, costumes, riquezas naturais*, ao abordar as tradições que desaparecem, percebe que na festa roceira, como as de cunho religioso, com exceção dos casamentos, a população rústica empolga-se com uma folia do Divino. Para ele, os que participam desta são um bando de ociosos devotos que, ao pousar numa fazenda, comem e bebem com fartura. Após, rezam, sambam, recolhem prendas e dinheiro para o Espírito Santo (Almeida, 1944, p. 10).

Nesse contexto, as pessoas que partilham de intencionalidades semelhantes geralmente sentem-se como iguais, esquecem a rotina da vida e não ligam para as informalidades do comércio construído e modificado ao longo do tempo festivo.

O comércio na ocasião da festa desfaz o isolamento do sitiante em relação ao habitante da cidade e o dos habitantes de uma cidade em relação à outra. Nessa ocasião, há certo contato esporádico com as pessoas de diversas localidades. É a partir daí que a capela atrai a loja, e a feira e outros tipos de comércio quebram o circuito da economia fechada (de subsistência) dos povoados rurais e das cidades.

No início das festividades religiosas no território brasileiro, era nítida a permeabilidade de produtores rurais às trocas nos centros urbanos, estabelecendo uma ligação com o mercado, vendendo ou trocando pequenas quantias de seus produtos no comércio. Isso nos demonstra a importância da cidade-santuário para as cidades ou povoados vizinhos e vice-versa, no sentido de quebrar o isolamento cultural entre as pessoas.

Um fator interessante para se pensar os lugares de festa é a oportunidade de fazer amizade e conviver com o outro, tanto para o romeiro como para o comerciante. Aquele estabelece um diálogo com os companheiros de caminhada, conta histórias e estórias, brinca com as crianças, esquece o trabalho rotineiro. Este desloca-se para uma cidade-santuário não somente pelo lucro, mas para se divertir trabalhando e rever os amigos, conviver e esquecer o trabalho exaustivo no caso dos que trabalham no mercado formal e no circuito superior da economia urbana (Santos, 1979). Para o autor, além de esquecer o trabalho exaustivo, esses visam, com tais deslocamentos, complementar a renda em várias festas dentro e fora do território estadual. Há os que “acompanham” as festas religiosas, as do peão e outras em várias partes do país. Nos lugares de festa, sempre há cooperação mútua (os comerciantes superam, em partes, a concorrência entre si), festejos coletivos, celebrações.² Isso tudo mobiliza as relações sociais em meio ao lazer mercadificado, formal, não enclausurado. Vive-se temporariamente em meio à economia de aglomeração, cujo espaço é afetado pelo grande número de pessoas.

² Parafraseado de Candido (1982, p. 65). Para ele, além das manifestações culturais, o comércio propicia uma relação de amizade entre os comerciantes. Em certas ocasiões, ele não é lucrativo, mas o comerciante “vive” disso, e o estar na festa, encontrar com os amigos, traz enorme satisfação. É um meio de se livrar da paranóia causada pelo ritmo da metrópole, principalmente.

As mudanças ocorridas no espaço da festa em 2001 e 2002

A Festa de Trindade sofre mudanças desde suas origens, de forma lenta e gradual. Entretanto, com a influência da mídia televisionada, as mudanças passaram a ser mais rápidas. A evolução das técnicas, principalmente a microeletrônica, incorporou à festa formas modernas de comércio e lazer. Aos poucos, a religiosidade das pessoas foi sendo modificada pela televisão. Por exemplo, os gostos pela estampa religiosa nas roupas foram sendo divididos com a preferência pela estampa de cantores populares e outros. As novelas exercem muita influência no consumo simbólico: o que o artista usa é o que o consumidor mais demanda. A cada novela um gosto diferente. Nesse sentido, Amir Salomão Jacób, em entrevista, formulou as seguintes idéias:

Entrevistador³ – O que mudou no comércio na Festa de Trindade com o passar dos anos?

Depoente – Olha, muita coisa a gente nota. Estou completando hoje 27 anos de romaria, que venho a Trindade. Então você vê a massificação pela televisão. Por exemplo: por volta de 1975, 76, 27 anos atrás, quando a televisão não tinha entrado tanto dentro das cidades pequenas goianas, já que 90% dos romeiros que concentram em Trindade são goianos, você via muita coisa própria do povo mesmo. Por exemplo: os bailes aqui antigamente... essa praça [largo da prefeitura], aqui se formava os ranchões tudo com folha de coqueiro, folha de palmeiras; os bailes eram animados por sanfona... hoje 100% é som mecânico, né. [...] Eu vi aqui, diversas vezes, barracas que vendiam micos, filhotes de papagaios, filhote de arara... hoje isso é até crime. [...] O comércio de estampanaria era unicamente a estampa religiosa. Hoje qualquer barraca que você vai aí procurar tem Zezé de Camargo e Luciano, tem Leonardo...

As mudanças citadas por Jacób referem-se à incorporação de hábitos, usos e costumes influenciados pelo modismo. Mas, a partir de 2001, as mudanças, ocorridas de forma brusca, incidiram na “paisagem”, com a interfe-

³ Utilizou-se (E) para entrevistador e (D) para depoente nas demais entrevistas citadas.

rência do poder público na montagem de barracas, instalação de banheiros químicos, coleta de lixo e fornecimento de água.

Com as transformações na Festa do Divino Pai Eterno, o comércio sofreu uma expressiva mutação. As barracas, nas áreas públicas, no ano de 2001, passaram a ser montadas por iniciativa da prefeitura. Até o ano de 2000 elas eram montadas utilizando-se madeiras, bambu, folhas de palmeiras e lonas de cor escura. As novas barracas foram montadas com estrutura metálica e cobertas com um toldo azul e branco contendo os distintivos do governo do Estado de Goiás e do município de Trindade. A partir dessa nova montagem com materiais padronizados, vindos do poder público, em detrimento dos materiais da natureza e do mercado, as barracas passaram a render certa soma de lucros aos cofres públicos, juntamente com a cobrança de energia elétrica e outros. Para instalar uma lâmpada de 10 a 40 W, cobraram-se dez reais durante a festa em 2001 e 2002. Em 2001, o “apagão” foi um dos maiores problemas para os comerciantes e para os romeiros, contribuindo para justificar a alta taxa a pagar para a Celg e gerando grandes transtornos à Festa. O banho quente, que custava um real, passou a três reais, sem tolerância de tempo no banho. O ambulante Renato, entrevistado em 2001, que normalmente não precisa pernoitar na cidade e não utiliza energia, notou que o rumor de racionamento de energia causou transtornos na festa.

E – Por que está ruim?

D – Acho é... esse negócio do apagão, a crise também né, tá muito frio.

Senhor Argentino, comerciante de esteiras de tabua (erva tifácea, comum em várzeas), afirmou que não só ele como muita gente estavam sendo prejudicados com o pretexto do apagão. Ele acreditava que, com o racionamento de energia, muitos, sabendo do risco de um blecaute e das taxas acrescentadas pelo excesso de consumo de energia, teriam de usar energia termelétrica.

E – O que está achando da festa agora?

D – Esse ano a festa vai tê um abatimento... im buniteza, im buniteza tá normal; só tem que esse apagão prejudicô munta gente. [...]

E – Por quê?

- D – É porque geralmente nem toda pessoa pode tê negia, né? Uns quereno usá transformadô... ô é motô de geradô de luz, e num tem nem aonde colocá. [...]
- E – Muitos estão sabendo do apagão?
- D – Aqui todo mundo tá sabeno desse apagão, até bãe [banho] aqui prá gente tomá tá difice, a gente num tá cunsiuimn bãe, um bãe aqui é difiço.

O inconveniente do apagão contribuiu para agravar a impressão de estranheza causada pelas mudanças ocorridas em 2001. O racionamento de energia causou mais um ônus, além daquele cobrado nas áreas de comércio público, onde o comerciante não podia montar sua barraca com o material de que já dispunha ou que conseguia na natureza. Entretanto, mesmo diante dessa situação, havia elogios aos serviços prestados aos comerciantes e romeiros pela prefeitura.

Uma mudança que obteve grande aprovação pelos comerciantes foi a instalação de banheiros públicos ao longo das ruas e avenidas da cidade. Antes as pessoas utilizavam lugares indevidos para fazer suas necessidades, o que causava constrangimento, poluía a cidade e colocava em risco a saúde das pessoas. A partir de 2001, foram instalados 130 banheiros temporários no intuito de deixar a cidade limpa e agradável, proporcionando o bem-estar (“Governo de Trindade: a serviço do romeiro”, 2001, p. 9). Essa mudança também será motivo de atração de mais romeiros, provavelmente até de um público diferente.

Quem participou da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade em 2000, ao retornar em 2001, percebeu a grande mudança na forma das barracas, principalmente no comércio montado nas áreas públicas da Avenida Manoel Monteiro. Essas mudanças repercutiriam em 2002, motivo de expectativa para moradores, comerciantes, romeiros e governo da cidade. Muitos previam mais turistas para participar da grande festa, mas houve descontentamentos. Antônio Cardoso Cunha, habitante de Trindade, escreveu para o prefeito, relutando contra a padronização das barracas: “Prefeito, o senhor até que é bem-intencionado, mas eu acho que essa coisa de padronizar as barracas na Festa de Trindade não dará certo” (“Barracas Gêmeas, 2001, p. 2). A essa manifestação o prefeito George Moraes respondeu:

Antônio, essa é uma das muitas experiências que estamos colocando em prática para encontrar soluções para os problemas de infra-estrutura que enfrentamos

durante a Romaria do Divino Pai Eterno. No final de tudo, você verá que o projeto “Trindade com Fé” é muito consistente e dará uma nova imagem para a Romaria. (“Barracas Gêmeas”, 2001, p. 2)

No pensamento do ambulante Renato, o visual ficou mais bonito, os banheiros químicos foram relevantes para a higienização da festa e o policiamento diminuiu os riscos de delinquência. Além disso, a padronização das barracas atrai mais comerciantes de fora, já que sem organização o comerciante não tem ânimo para participar da festa e assim ter melhores rendimentos.

E – E as mudanças aqui na cidade, como barracas, banheiros químicos, fiscalização... o que mudou?

D – Em relação ao ano passado, pelo que eu cheguei e vi aqui sobre banheiro, antes docê me intrevistá, cabei de passá ali e vi unhas casinha e fiquei pensamn: “Será que qué aquilo, né”? E fui observá... é banhero, qué dizê... a higiene é muito importante numa festa dessa que... a contaminação é muito grande, então a limpeza... me parece... que os ano atrais ... esse ano vai mudá, vai dá de déiz; o policiamento, a organização realmente cada ano que passa, nesse ponto, vai melhoramn, sim, a festa, as barraca...⁴

Segundo o pensamento de Brenda Lúcia de Oliveira Carvalho, da Agência Goiana de Turismo (Agetur), os objetivos foram satisfatoriamente alcançados, já que as mudanças foram elogiadas pela comunidade trindadense e pelos turistas. O policiamento contribuiu para diminuir as ocorrências de delitos, e o atendimento médico foi relevante. Apesar da resistência por parte dos comerciantes em 2001, passados alguns dias da festa, houve elogios dos expositores.

E – Os objetivos foram alcançados?

D – Amplamente alcançados. Recebemos elogios da comunidade em Trindade [...], elogio dos turistas. Fizemos uma campanha, uma pesquisa por amostragem, onde nós vamos... a surpresa do turista com a organização que foi feita nos últimos dois anos, isso é gratificante para a Agetur, que vê que... tudo feito

⁴ Entrevista gravada na festa de 2001.

com planejamento realmente dá bons resultados. Igual com as parcerias... tanto do setor público como iniciativa privada.

E – E os resultados...?

D – Superaram nossa expectativa. Este ano... as ocorrências policiais foram um terço do que aconteceu nos outros anos; a parte de atendimento médico extrapolou tudo que a gente precisava.

[...]

E – O que foi relevante para o comerciante em 2001?

D – Houve uma certa resistência do comerciante, estranhando, achando que tava havendo muita interferência nessa área, só que depois ele viu que foi para o bem... de repente tivemos um apoio, acho que integral, deles, eles viram que vai melhorar para eles...

E – Os comerciantes gostaram das mudanças?

D – No final acharam bom. Tiveram resistência e depois eles viram que o planejamento melhora para eles também.⁵

Notou-se muito elogio em relação a algumas partes, mas os incômodos existiram, como afirmou o senhor Argentino. Segundo ele, apesar das melhorias, os costumes foram castrados, pelo fato de muitas atitudes não poderem ser tomadas pelos próprios comerciantes, como era nos anos anteriores.

E – A mudança na montagem das barracas vai mudar um pouquinho?!?!

D – Óia, essa montagem dessas barraca pode até miorá um poco, mais pra muita gente vai piorá porque muita gente é costumado vim e montá sua própria barraca e a prefeitura... e ess'ano a prefeitura num tá cunsintino, ês tão vendemn, os lugá, né, intão num tem comas pessoa fazê... as coisa conformi pricisa, né...⁶

Raquel Gomes Maia, jovem comerciante domiciliada em Goiânia, expositora de confecção feminina, disse que a festa melhorou a partir de 2001 no tocante à segurança, higiene e à atenção do prefeito. Uma observação da jovem foi sobre a distinção entre áreas públicas e privadas. “A festa está melhor: polícia, limpeza, lixo... O prefeito foi gente boa, a cara da cidade mudou a partir de 2001. A cidade ficou mais bonita, diferenciou o público do privado...”.

⁵ Entrevista gravada em 25/7/2001 na Agetur.

⁶ Entrevista gravada em 22/6/2001.

Apesar de elogiarem o visual, os expositores demonstravam insegurança nas afirmações, evidenciando dúvidas quanto à satisfação pelas mudanças. As novas barracas instaladas na Avenida Manoel Monteiro causaram boas impressões, mas houve demora na montagem e no fornecimento de água. Ani Luiza de Oliveira (vice-prefeita de Senador Canedo, GO) elogiou as mudanças, mas demonstrou sentimentos de descontentamento em relação à eficácia dos serviços prestados pela comissão organizadora da festa.

E – As mudanças em 2001 foram relevantes?

D – Nossa!!! Eu tô achando as diferenças de 2001 dês da Semana Santa... Tô achando muito mais diferente, muito mais bonito, tá muito melhor, tô gostando muito, muito.

E – Tem que melhorar alguma coisa em 2002?

D – Não. Só que eles falaram que dia 15 a barraca tava disponível e não ficou né... e demorou mais. É... a demora da água... é... tá muito bom, tá muito bonito, num tem nada, acho que não precisa não...⁷

Se para os comerciantes e romeiros algumas mudanças foram relevantes – como os banheiros químicos instalados e outras –, para os habitantes da cidade elas causaram descontentamentos no que diz respeito aos costumes, aos hábitos tradicionais vividos e revividos ao longo da história da cidade. Os moradores divergiam quanto às opiniões sobre as mudanças, e boa parte notou que houvera certa descaracterização dos costumes dos comerciantes. Considerando que era praxe o próprio comerciante construir as barracas com estrutura vegetal, a padronização das barracas contribuiu para a perda de identidade da festa, da sua história. Para muitos – para aqueles que não têm muita relação com o espaço vivido –, as mudanças foram cômodas, mas, para os que habitam a cidade, as origens da festa foram perdidas. As modificações causaram ressentimentos também por acarretarem o crescimento desmedido da festa. O grande número de pessoas fez crescer a desconfiança em relação aos hóspedes. A esse respeito, Regina Maria da Silva, moradora há 28 anos na cidade, declarou:

⁷ Entrevista gravada em 26/6/2001.

D – Nos últimos anos a festa foi descaracterizada, e, no aspecto cultural, sofreu uma regressão, mas no sentido da comodidade foi um avanço; mas não gostei, descaracterizou a festa apesar de ter passado por várias mudanças. A barraca padronizada, perdeu-se a cultura da construção da própria festa, perde um pouco da identidade dela, sem dúvida que perde.

E – O que isso causou depois da festa?

D – As pessoas que não têm muito envolvimento com a cultura e a história da cidade, para elas foi de fato cômoda, mas a festa foi descaracterizada. Quem não sabe da história da cidade, da estruturação das primeiras festas até a data atual concordaram e acharam muito bom, porém fica no morador da cidade a sensação de que a festa perdeu um pouco das características originais.

E – Isso não foi importante para alguns?

D – É... a festa foi reestruturada.

E – Quem veio em 2000 não reconheceria?

D – É... foi totalmente mudada. Ressentimos com o crescimento do número deromeiros, não se hospeda mais as pessoas. Devido à violência, não confiamos mais nas pessoas, ficamos amedrontados de abrir nossas casas e hospedar as pessoas.⁸

Um trindadense que não quis declarar o nome também não concordou totalmente com as mudanças, já que, para ele, a ausência das barracas rústicas silencia a história da cidade: “[...] Mudô bem, cada governo que entra faiz um pedacim, o governo atual trabalhou bem, os antigos também, cabô as barraca tradicional, que era de palha. Mais num pode mudá muito a festa, senão discharacteriza o que foi Barro Preto”.⁹

Como já foi dito, as idéias divergem em relação às mudanças. Por exemplo, Valdivino Barbosa, 42 anos, habitante de Trindade, expositor de alimentos e bebidas na barraca do Encontro de Casais na Avenida Manoel Monteiro, elogiou a organização, a padronização das barracas, demonstrando também preocupação com a ecologia e a higienização da festa:

Parabenizo o prefeito pela padronização das barracas. Contribuiu para a ecologia e não precisa mais extrair folhas e madeira. Elogio a organização da festa – lava as

⁸ Entrevista gravada em 11/2/2002.

⁹ Ex-funcionário da Celg, depoente de um dos questionários aplicados aos locadores de pontos na Rua Irany Ferreira.

ruas com água sanitária todos os dias, nos banheiros químicos há manutenção 24 horas por dia.

Apesar das reclamações, a maioria dos comerciantes aprovou as modificações. As mudanças obtiveram um nível de satisfação considerável em 2001: 59% do universo pesquisado, contra 41% de insatisfação (dados baseados em 54 entrevistados), conforme o Gráfico 1.

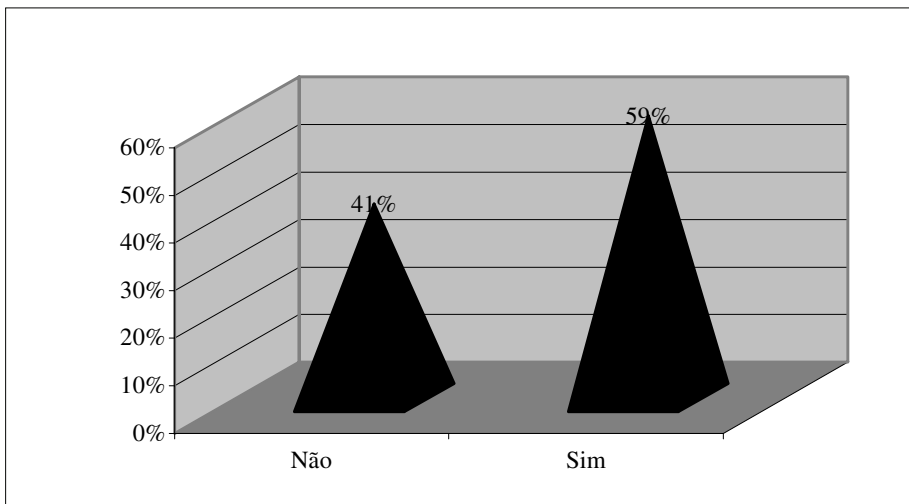


Gráfico 1 - Aprovação das mudanças em 2001

Fonte: Questionários aplicados aos comerciantes em 2001

Essa considerável aprovação se deu em virtude do visual diferente das barracas nos tons azul e branco, da organização, dos banheiros químicos instalados nas ruas, da coleta de lixo e da assistência social. Houve pessoas que reclamaram apenas da petulância dos fiscais, outras que não souberam responder o motivo da aprovação, mas, ao final, o visual foi o fator decisivo.

Embora a estética das barracas nas áreas públicas tenha agradado a muitos comerciantes e romeiros, aqueles manifestaram várias queixas em relação às altas taxas cobradas na aquisição de uma barraca. Por exemplo, uma barraca

pequena no largo da prefeitura, ocupando mais ou menos quatro metros quadrados de área, foi alugada em 2002 por R\$ 135,00;¹⁰ o alvará de licença custou R\$ 35,00, somando-se a esses valores cerca de R\$ 15,00 de energia. Na Avenida Manoel Monteiro, onde as barracas públicas são maiores devido ao espaço da ilha, uma barraca com área de dez a trinta metros quadrados custou aos comerciantes de R\$ 150,00 a R\$ 480,00 (dados levantados em campo). Nessa área, a Celg cobrou de R\$ 30 a R\$ 180, conforme o número de lâmpadas, refrigeradores e outros aparelhos elétricos, e o alvará custou cerca de R\$ 20,00.¹¹

Além das dimensões privilegiadas das barracas na Avenida Manoel Monteiro, os pontos ali são mais onerosos em virtude da maior concentração de pessoas em busca de lazer durante a noite. Segundo dados dos agentes municipais de Trindade, a barraca para exposição de confecções e *souvenirs* da festa mede 1,5 m e custa de R\$ 50 a R\$ 250,00; a barraca para exposição de alimentos, entre 4 m e 5,5 m, de R\$ 80,00 a R\$ 400,00. A prefeitura inclui a locação da barraca e o licenciamento, sendo a taxa de energia paga em separado diretamente na Celg (cf. “Prefeitura mantém unidade móvel para cadastrar comerciantes”, 2003, p. 9). As reclamações sobre as altas taxas de locação, licenciamento e energia elétrica e sobre outros problemas de ordem administrativa foram muito freqüentes nas áreas públicas.

Uma ajudante de um expositor dos vinhos Aliança e San Tiago, de Caxias do Sul, e representante do mesmo produto em Goiás reclamou por dormir na fila, pagar R\$ 350,00 pelo ponto e R\$ 130,00 de energia para a Celg, considerando os dois refrigeradores gastos para resfriar as bebidas. A jovem ajudante estava muito insatisfeita com o Artigo 1º, I, do Decreto nº 138, do dia 20 de junho de 2002, que proibiu a “comercialização de bebidas em vasilhames de vidro nas barracas durante os festejos”. Segundo ela, foi um absurdo o Decreto, por haver sido homologado depois do investimento já feito, causando grande prejuízo.

¹⁰ Um dólar correspondia a aproximadamente três reais na época da pesquisa de campo em Trindade – cerca de US\$ 45,00 por 4 m² de área para a montagem de uma barraca.

¹¹ As taxas públicas são importantes para as cidades de funções religiosas, como aponta Fonseca (2000, p. 65) em sua pesquisa na congada de Catalão: “[...] a parte comercial, por exemplo, é importante fonte de arrecadação pública e de diversão, possibilitando que a renda ou parte da renda do aluguel dos lotes das ruas aos barraqueiros seja revertida na organização estrutural da festa”.

Alugamos no dia primeiro de junho, mostramos os produtos em garrafas de vidro, investimos R\$ 10.000,00 só de mercadoria, fora outros impostos, como frete, R\$ 1.600,00, e outros, R\$ 3.000,00. No dia vinte de junho de 2002 criaram um decreto proibindo a venda de qualquer bebida com embalagem de vidro. Quando fomos discutir disseram que devolviam o dinheiro da barraca, mas não o dinheiro da energia e outros prejuízos. Colocamos assim mesmo, fomos obrigados a comprar 3.000 copos para servir, mas o consumidor não quer no copo, quer mostrar o que está tomando. Pagamos taxas muito altas e não vamos obter lucros, foi uma falta de respeito. Por falta de organização tomamos prejuízo. Na próxima festa pensaremos duas ou três vezes e só fecharemos negócio depois da criação de todos os decretos. O pior é que disseram que este decreto já era velho, por que não avisaram...?

Além das taxas consideradas muito altas pelos expositores, os pontos nas áreas públicas são insuficientes para atender à demanda dos comerciantes. Lenir de Souza Moraes, domiciliada em Aparecida de Goiânia, pediu ao prefeito que aumentasse os pontos, diminuísse os preços e não explorasse os comerciantes. “O prefeito melhorou muita coisa, até fez postais para os mendigos vender, achei bonito, só que enfiou a faca”, disse ela. Nas barracas instaladas nas áreas públicas, falta, também, acomodação para o comerciante, que não pode dormir nelas por falta de espaço ou por falta de segurança. Uma expositora domiciliada em Goiânia, com seis anos de experiência na festa, confirma esse dado, além de achar difícil conseguir um ponto na área pública: “Alugo a sala para dormir, tenho medo de dormir na barraca”. Portanto, embora as mudanças tenham sido satisfatórias no que diz respeito ao visual da festa, em relação ao custo-benefício, o comerciante não ficou totalmente satisfeito.

Os comerciantes das áreas particulares do Beco dos Aflitos e da Rua Irany Ferreira encontravam-se mais contentes que os das áreas públicas, como disse Paulo Roberto Miranda Reis:

Acho que só tenho que elogiar. Está ótimo, não precisa melhorar. Agradeço o governador pela cobertura às festas em Goiás: banheiros, limpeza dos banheiros; gosto muito do povo goiano, é o povo melhor que tem. Eu era comerciante em Aparecida do Norte, tinha atacado de bebidas, há três anos vendi o depósito.

Os comerciantes ambulantes e os mendigos-comerciantes

No meio da multidão de romeiros, turistas e curiosos e das barraquinhas, circulam os comerciantes ambulantes. Em sua maioria, são vendedores de bebidas (refrigerantes, cervejas, água mineral e sucos), lembrancinhas com o distintivo do Pai Eterno e de outros santos (terços, chaveiros, fitinhas de braço), frutas (coco verde, maçãs, uvas, pêssegos e morangos) e outros gêneros. Os que vendem bebidas e frutas geralmente são de Goiânia ou entorno; os que vendem lembrancinhas em expositores móveis são, em maioria, de Aparecida do Norte, São Paulo, experientes no comércio do Santuário dessa cidade.

Os ambulantes, para circular em áreas específicas, têm de portar um selo de autorização com o distintivo do projeto “Trindade com Fé” e do governo de Trindade, no qual aparece em destaque a palavra AUTORIZADO. Os não-autorizados pela Prefeitura são impedidos de comercializar pelos fiscais da comissão de apoio. As atividades ambulantes durante a Festa do Divino Pai Eterno são regulamentadas pelo Decreto no. 177, do dia 8/5/2001, Artigo 10, incisos de I a VII. De acordo com esse decreto, é vetado o direito de se fixar em pontos sem autorização dos fiscais da prefeitura, além de ser proibido o uso de carrinhos que obstruam o fluxo de pedestres, tais como carrinhos de frutas, como é o caso da maçã-do-amor e outras. Pelo decreto os ambulantes não podem transitar na Rua Irany Ferreira, na Rua Cel. João Braz, conhecida popularmente como Beco dos Aflitos, na Praça da Matriz e no Santuário Novo. Também é negado a eles o direito de comercializar bebidas alcoólicas e quaisquer outras na Avenida Manoel Monteiro e em lugares onde representam concorrência aos barraqueiros.

Apesar dos incisos do Decreto, há ambulantes que burlam a lei em busca de consumidores, principalmente na área do Santuário Novo, onde se entrevistou o maior número deles. O comerciante Orenilce, entrevistado ali no dia 30/6/2000, quando se realizou o levantamento prévio para esta pesquisa, nos disse inclusive que tinha ponto fixo, mas trabalhava também como ambulante devido à necessidade de obter mais lucros.

E – Trabalha como ambulante ou tem ponto fixo?

D – Tenho ponto fixo e tenho como ambulante também.

E – Por que saiu da sua barraca e está como ambulante?

D – Pricisão, tudo que a gente tem que fazer é correr atrás do dinheiro, porque ficar parado não resolve.

Em 2001, o decreto citado impôs normas aos ambulantes que atuavam de forma ilegal no anonimato da festa. Passou-se a cobrar taxas dos ambulantes e identificá-los com um crachá, no intuito de impedir a sua ação desordenada na festa. O ambulante Renato, de Goiânia, entrevistado na quinta-feira antes do último dia da festa, em 2001, na Avenida Manoel Monteiro, revelou-nos como são as relações com a fiscalização e como burlam a lei quando encontram oportunidade. Disse que os fiscais, chamados de “rapa”, haviam-no abordado nas proximidades da prefeitura, dizendo-lhe que não podia comercializar naquele local. Segundo ele, em locais como aquele, só dá uma passadinha, vende e vai embora antes de ser abordado por um fiscal.

E – Já teve aborrecimento por estar comercializando aqui na festa?

D – Tive o ano passado... o ano passado... eu num sei esse ano, ess’ano nem começô, mais ano passado assim que chegueiiii... né, ês o pessoal do rapa chegô, diss: “Ó, num pode vendê aqui nesse lugá”.

E – Que lugar foi?

D – Foi nas barraca, no centro, onde o pessoal vende... os barraquero mess... já chega de São Paulo, “compra” um lote super caro aqui né..., aí a gente pégui vai vendê mercadoria e atrapalha você... Mais tamém foi só unha vez e saí, depois retornei, vindi... num teve probrem nihum. É só você sabê onde... si você sabe que lá num pode vendê, cê dá unha passadinha só lá e vai mbora, n’vai ficá lá caçan’gen... pegá sua mercadoria.

O ambulante José Afonso da Silva, de Aparecida do Norte, São Paulo, vendedor de tercinhos, fitinhas, chaveiros, lembrancinhas, com oito anos de experiência na Festa de Trindade, entrevistado em 2001 em frente ao Santuário Novo, disse que os fiscais “pegam no pé”, mas é o serviço que lhes foi ordenado. Segundo ele, no ano de 2001, os fiscais não os abordaram tanto, mas nos anos anteriores a fiscalização era mais freqüente.

E – Aconteceu algo de ruim?

D – Não, até hoje graça Deus nunca conteceu nada. As vez pega no pé da gente

aqui né... fazê o que, fazê nada, é o sirviço dês, né? Tem que levá em conta.

E – Com autorização para trabalhar ficou melhor?

D – É, esse ano, tá mais, tá melhor pra trabalhar. Esse ano os fiscal num tá enchemm muito saco, tá tudo bem.

E – Este ano não sofreu repressão da polícia?

D – Não, purinquanto ainda não.

E – E nos outros anos?

D – Sim, anos anteriores, sim. [...]

Outro elemento interessante na Festa de Trindade é o ambulante vendedor de postais. Trata-se de mendigos recrutados pela assistência social do programa “Aqui Eu Sou Cidadão” – projetado pela primeira dama do município de Trindade, Flávia Albuquerque Moraes, e vinculado ao projeto “Trindade com Fé” – e encaminhados ao Centro de Apoio ao Romeiro. Lá são transformados em comerciantes de postais. A ação desse projeto visou a atenuar a ação dos esmoleiros, que somente mendigavam pelas ruas de Trindade nos dias da festa. No Centro de Apoio aos Romeiros, os mendigos são cadastrados e recebem uma camiseta de identificação (em 2001, as camisetas eram de cor amarela; em 2002, tinham cor verde com manga amarela) e um kit com lembranças da romaria de Trindade (fitinhas e postais, principalmente) para serem vendidas nos dias da festa. O kit pode ser adquirido todos os dias no Centro de Apoio. O dinheiro arrecadado com a venda dos postais e outros fica integralmente com o indivíduo que os comercializa. A idéia foi dar oportunidade aos pedintes para obterem o próprio sustento. Trabalhar em vez de mendigar é uma maneira, aos olhares do poder público municipal de Trindade, de os marginalizados “resgatarem sua cidadania”.

Durante a Romaria passam por Trindade cerca de 2.500 pedintes (95% são de outros municípios e de outros Estados). Muitos deles acompanham festas religiosas por todo o país, vivendo exclusivamente de esmolas e donativos. Em Trindade, com o programa “Aqui, Eu Sou Cidadão”, estas pessoas têm uma grande oportunidade de se inserir na sociedade, exercendo direitos e deveres de verdadeiros cidadãos. (“Governo de Trindade...”, 2002, p. 26)

A maior concentração de mendigos-comerciantes se dá nas proximidades do Santuário Velho e do Santuário Novo. Os postais não impediram por

completo o ato de mendigar: o mendigo-vendedor oferece os postais, mas não perde a oportunidade de pedir uma “ajudinha”. Por isso, em entrevista ao jornal *Informativo Trindadense*, a primeira dama Flávia Morais disse: “Queremos pedir a todas as pessoas que não dêem esmolas, mas compreem os produtos que serão comercializados pelos nossos cidadãos do programa [...]” (“Aqui Eu Sou Cidadão: mendigos tratados com dignidade”, 2002, p. 10). O programa “Aqui Eu Sou Cidadão” repercutiu em muitos lugares pela organização que conseguiu em relação à mendicância: “Esse programa alcançou reconhecimento nacional, por sua eficiência e abrangência social” (“Em Trindade, dignidade e respeito ao cidadão são palavras de ordem”, maio, 2003, p. 2/jun. 2003, p. 7).

Os mendigos cadastrados, em geral, ficaram satisfeitos, apesar das dificuldades. A jovem Maria, de Irecê, BA, uma das cadastradas pelo programa, disse que estava na festa por causa do desemprego: “Tenho cinco filhos, e na Bahia a seca castiga”. Ela disse que vende os postais por cinquenta centavos, pois osromeiros não pagam o que ela pede, então aceita o que oferecem.

E – Trabalha na Bahia?

D – Trabaia na roça, só que lá secô pronto, só que quando seca num preta pra ninguém ficá lá, tem muita gente morrendo de fome, até de fome.

E – Mora em que lugar na Bahia?

D – Irecê na Bahia.

E – Você está gostando da festa?

D – Tá dando, moço, pra gente sigui a vida, né?

E – Há quanto tempo vem à festa?

D – A primeira vez.

E – Por informação de quem?

D – Estava andando procurandimprego aqui e nox tá trabalhando nele.

E – Foram cadastrados pela prefeitura para vender postais?

D – Foi...

E – Quanto custa, o postal?

D – A gente pede um real, mas eles num paga e a gente vend’ a cinquenta centavos, o que eles dá prá gente.

Claudionor Alves de Almeida, da cidade de São Paulo, disse que participa como vendedor pela terceira vez na Festa de Trindade. Vendia geladinho e

gostou da ajuda do projeto da primeira dama. Pelo que declarou, é mais lucrativo vender postais do que o produto que vendia antes. Disse transitar pela cidade inteira sem ser aborrecido pelos fiscais.

Analisando os dados das entrevistas, os beneficiados pelo citado projeto não demonstraram insatisfação com os resultados da mudança ocorrida em suas atitudes. Pelo contrário, mostraram-se “agradecidos” pelo benefício que receberam, o que mostra que a dignidade dos mendigos foi em parte resgatada. O projeto oferece, além dos postais, alimentos, higiene, creche para os filhos dos cadastrados, assistência médica e outros. Isso é relevante pelo fato de os mendigos receberem amparo e serem incluídos como pessoas dignas na festa, todavia não se traduz em “resgate de cidadania”.

Transformações nos serviços prestados e os comerciantes na festa em 2001

As mudanças que mais beneficiaram os comerciantes foram a instalação de banheiros químicos em diversos pontos da cidade, o fornecimento de água tratada pela Saneago e a coleta de lixo. Os banheiros móveis foram uma alternativa diante da dificuldade de se construírem sanitários fixos para atender a toda a demanda. Foram instalados, em 2001, cerca de 130 banheiros removíveis, de cores azul e branca, visando a diminuir a insalubridade de Trindade nos dias da festa. Os banheiros instalados em pontos estratégicos da cidade tinham o distintivo do projeto “Trindade com Fé” e do governo de Goiás. No ano de 2002, foram disponibilizadas cerca de 100 pessoas para cuidar da higiene desses banheiros (“Limpeza urbana terá reforço”, 2002, p. 10). Os banheiros foram relevantes por evitar que os comerciantes se deslocassem para as residências e pagassem R\$ 1,00 para usar o sanitário ou se dirigissem para lugares indevidos. Esse era um dos maiores problemas a serem resolvidos pelo projeto “Trindade com Fé”, considerando o constrangimento de usar lugares inadequados e o alto risco de contaminação por moléstias, tornando o ambiente da cidade insalubre.

A água fornecida em recipientes adequados favoreceu por facilitar a higiene e matar a sede dos comerciantes e romeiros, que, nesse aspecto, deixaram de depender dos habitantes da cidade. A água foi distribuída, a partir de 2001, em recipientes cilíndricos de cor azul, com o distintivo da Saneago e do

governo de Goiás. Alguns traziam a mensagem: “Água tratada é saúde”, e em outros se lia: “Água tratada é vida saudável”. Observou-se que os comerciantes e os romeiros acampados usavam vasilhames para buscar água nos lugares em que havia tais reservatórios.

A coleta de lixo em recipientes plásticos, recolhidos por servidores da prefeitura, evitou que as ruas permanecessem sujas, com rejeitos depositados em lugares indevidos. Em 2002, foram colocados a serviço da festa 4 caminhões, 60 *containers* e 200 tambores para a coleta de lixo, 260 garis trabalhando 24 horas por dia com revezamento de dois turnos de 12 horas e 1.200 lixeiras em suportes em diversos pontos da cidade (“Limpeza urbana terá reforço”, 2002, p. 10).

Outros serviços eram prestados de forma mais discreta, como era o caso dos postos médicos, serviço de informações e outros. Esses fatores contribuíram para melhores relacionamentos entre comerciantes e poder público e entre comerciantes e habitantes da cidade.

Características do comércio e dos comerciantes nas áreas pesquisadas

Nas ilhas da Avenida Manoel Monteiro, instalam-se as barracas padronizadas nas áreas públicas; nos lados direito e esquerdo das calçadas da Avenida, armam-se os ranchões e barracas similares. Os comerciantes dessa área expõem bebidas, salgados, refeições e outros produtos comestíveis. É aí que se concentra o lazer noturno nos dias da festa, onde se ouve músicas e se dança. Nesse local, considerado o lugar profano da festa, concentra-se, em toda sua plenitude, a economia de aglomeração composta. A maioria dos comerciantes é de Goiânia e de Trindade, sendo o produto comercializado fornecido em Goiânia ou no local.

No Largo da Prefeitura, predominam as confecções, os calçados, as ferragens, as utilidades domésticas e os brinquedos. Ali a maioria dos comerciantes é de Goiânia, Aparecida de Goiânia, Trindade (confecções e artigos em couro) e São Paulo (ferragens e utilidades domésticas); outros lugares aparecem com menor participação.

No Beco dos Aflitos, encontra-se de tudo, com predomínio de confecções, bijuterias e importados. Os comerciantes geralmente são de Goiânia, Trindade e entorno, e de São Paulo.

Na Rua Irany Ferreira, predominam os artigos religiosos, tais como terços, imagens e quadros religiosos, além de artigos populares e importados, como óculos de sol e outros. Lá se territorializam os aparecidenses (habitantes de Aparecida do Norte, SP), experientes na comercialização de artigos religiosos. É por essa avenida que a procissão segue do Santuário Velho para o Santuário Novo. Ela é a via de ligação do fluxo de pessoas religiosas dos dois centros de orações nos dias da festa. Daí a demanda maior por lembranças, imagens e outros artigos religiosos no local.

Na área do Santuário Novo, notou-se, em 2001, o predomínio de expositores de Goiânia e Trindade, os quais comercializavam bebidas e alimentos, confecções e artesanatos. No ano de 2002, com a construção da rampa no formato de Nossa Senhora, não foram instaladas barracas primitivas nessa área. Ali se fixaram os feirantes da Feira da Terra de Trindade, no estacionamento do lado sudoeste do Santuário.

Em termos gerais, em 2001 e 2002, a maior parte dos produtos expostos compunha-se de confecções, 30%, bebidas e alimentos, 27%, artesanato, 13%, artigos em couro, 6%, e importados, 4%. Outros tipos de produtos menos concentrados eram distribuídos em diversas áreas na festa.

Um dado interessante é que os comerciantes de confecções, utilidades domésticas, ferragens, artesanatos e importados, do Largo da Prefeitura e adjacências, permanecem até três dias após o encerramento oficial das festividades, no domingo. Os comerciantes da Avenida Manoel Monteiro abandonam as barracas na noite de domingo. Na Rua Irany Ferreira e na área do Santuário Novo, notou-se que os comerciantes começavam a desmontar as barracas a partir de segunda-feira pela manhã, sendo que alguns ficavam até terça-feira. Segundo eles, nesse período, denominado “ressaca da festa”, os consumidores de Goiânia e entorno, e pequeno número deromeiros aproveitaram as promoções do fim da festa, em meio a anúncios e muita pechincha.

Considerações finais

As modificações nas formas de se relacionar com os espaços públicos na Festa de Trindade apresentaram avanços na estética da festa, mas romperam com algumas tradições na organização do evento, como o aproveitamento de materiais de baixo custo na construção das barracas. É certo que as

parcerias da administração municipal de Trindade com órgãos do Estado de Goiás proporcionaram melhorias na Festa do Divino Pai Eterno, como a higienização, o fornecimento de água, de segurança e de apoio a determinados setores. Todavia, ficaram à mostra os descontentamentos com a nova realidade nas áreas públicas, como foi o caso das taxas impostas aos comerciantes na aquisição de pontos comerciais.

Os comerciantes das áreas particulares foram menos afetados com as mudanças ocorridas em 2001. As reclamações desses expositores foram em relação às taxas de energia e às precárias condições financeiras dos consumidores. Nessas áreas, os comerciantes elogiaram as boas relações com os locadores e com os consumidores goianos, principalmente na Rua Irany Ferreira, onde a maior parte dos comerciantes era de Aparecida do Norte, São Paulo.

Os ambulantes reclamaram da fiscalização e da cobrança da taxa de autorização para transitar em determinados lugares da festa, mas, em geral, aprovaram a instalação de sanitários móveis e reservatórios d'água, bem como a coleta de lixo na área da festa.

O cadastramento dos pedintes foi uma mudança que obteve saldos positivos, considerando que não houve grandes reclamações por parte dos cadastrados. A tentativa de converter o mendigo em comerciante de postais da Festa do Divino Pai Eterno não mudou totalmente a cultura da mendicância, mas evidenciou mudanças significativas na festa.

Existe uma complexidade nas relações dos comerciantes temporários com o tempo-espaço da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade. Analisar a totalidade dos fatores que explicam tal fenômeno não é tarefa fácil. De ano para ano, surgem novos sujeitos-comerciantes que se manifestam nas áreas do comércio varejista periódico na Festa de Trindade. Observando a romaria de 2003, notou-se que várias novas modalidades passaram a fazer parte da festa: barraca de frango assado na brasa (Avenida Manoel Monteiro) e vendedores de caldos, churrasquinhos, pamonhas e sanduíches (ambulantes com carrinhos específicos), só para citar alguns. Analisar essa dinâmica – movimento e renovação – de forma minuciosa é um desafio para estudos futuros, envolvendo algumas categorias da ciência geográfica: espaço, território, região e outras, uma preciosidade para os geógrafos. Este artigo

foi apenas uma abertura para os estudos referentes ao espaço de comércio periódico e comércio móvel numa festa de romaria, restando ainda muitos fenômenos relevantes nesse campo para a ciência geográfica e outras ciências. Afinal, não se pode esquecer de que a cada dia aumenta a responsabilidade dos pesquisadores com as manifestações econômicas e socioculturais¹² da sociedade brasileira.

THE PERIODICAL COMMERCE IN “FESTA DO DIVINO PAI ETERNO”, IN TRINDADE, GO: ITS TRANSFORMATIONS FROM THE ACTION OF THE STATE BETWEEN 2001 AND 2002

Abstract

The present article is the result of an analysis about the relations with the periodical commerce in the time-space of Festa do Divino Pai Eterno, in Trindade, GO, and the elements involved in the organization of this event. Starting from a social-historical and cultural-discursive approach of the data obtained in newspapers, magazines, pertinent bibliographies about the theme, interviews and application of questionnaires in 2001 and 2002, we made a study about the party as a relevant event for the sporadic merchants, the landlords of commerce points (inhabitants of the city) and for Trindade city.

Key Words: Informality/ Periodic trade/ Religious party/ Urban geography.

¹² Aziz Nacib Ab’Sáber considera que “da coexistência entre a riqueza e a vida confortável de muitos, em face de uma pobreza inominável, surge uma responsabilidade aumentada para os intelectuais e homens esclarecidos e sensíveis de um país como o Brasil. Enquanto os políticos escolhem projetos entrelaçados com interesses de empresários, empreiteiras e banqueiros, os verdadeiros representantes da consciência crítica da nação ficaram reduzidos a um silêncio constangedor. Aqueles que isoladamente resistem ou não concordarem com o direcionamento de algumas políticas públicas socialmente inoperantes serão considerados inimigos figadais dos governantes e partidos políticos. Espera-se que não seja (re)aviventada a temática da subversividade. Em muitas conjunturas do Terceiro Mundo tem sido difícil estabelecer o cruzamento da consciência crítica e cultural com as expectativas e aspirações das classes menos esclarecidas, sem qualquer discriminação em relação às classes ditas produtoras” (Ab’Sáber, 2004, p. 98).

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Aziz N. Meditações sobre a geografia humana: da coexistência de riqueza e pobreza, surge uma responsabilidade aumentada para intelectuais. *Scientific American Brasil*, ano 2, n. 20, p. 98, jan. 2004.
- ALMEIDA, Victor C. de. *Goiás: usos, costumes, riquezas naturais (estudos e impressões pessoais)*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1944. 216 p.
- AQUI Eu Sou Cidadão: mendigos tratados com dignidade. *Informativo Trindadense*, ano 8, n. 94, p. 10, jun. 2002.
- BARRACAS gêmeas. *Notícias de Trindade, Romaria de Trindade: tudo pronto!*, ano 1, n. 4, p. 2. jun. 2001.
- BROMLEY, R. J.; SYMANSKY, R.; GOOD, C. H. Análise racional dos mercados periódicos. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro: IBGE, v. 42, n. 1, p. 183-194, 1980.
- CANDIDO, Antônio. Os tipos de povoamento. In: CANDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Duas Cidades, 1982. p. 5-65.
- DECRETO n. 177, Art. 10, Câmara Municipal de Trindade, 8 de maio de 2001.
- DECRETO 138, Art. 1º, Câmara Municipal de Trindade, 20 de junho de 2002.
- EM TRINDADE, dignidade e respeito ao cidadão são palavras de ordem. *Folha de Trindade*, ano 1, n. 5, p. 2, maio 2003.
- EM TRINDADE, dignidade e respeito ao cidadão são palavras de ordem. *Jornal O Comunitário Trindadense*, ano 11, n. 114, p. 7, jun. 2003.
- FONSECA, Cláudio L. A. *As práticas discursivas dos sujeitos da congada e da festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão-GO*. 2000. 133 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.
- GOVERNO de Trindade: a serviço do romeiro. *Trindade com fé: romaria do Divino Pai Eterno*, 22 jun./ 1º jul. 2001; 28 jun./ 7 jul. 2002. Revista informativa do evento, com o apoio do governo de Goiás e do prefeito de Trindade.

COELHO, Tito Oliveira. O comércio varejista periódico na Festa de Trindade, GO: suas transformações... *Boletim Goiano de Geografia*, 23 (2): 243 - 267, jul./dez. 2003

LIMPEZA urbana terá reforço. *Informativo Trindadense*, ano 8, n. 94, p. 10, jun. 2002.

MAIA, Carlos E. S. Informalidade e ilegalidade: faces e disfarces na economia urbana. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 99-117, jan./dez. 1999.

MAIA, Carlos E. S.; COELHO, Tito O. O comércio varejista periódico no espaço urbano contemporâneo: um estudo da Feira Hippie. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 1-26, jul./dez. 1997.

PREFEITURA mantém unidade móvel para cadastrar comerciantes. *Cidade Agora*, Trindade, ano 4, n.78, jun. 2003. Cad. Cidade, p. 9.

SANTOS, Milton. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979. 345 p.

Recebido em: 1/11/2003

Aceito em: 25/4/2004